

Análise do processamento metafórico no discurso: metáforas da crise econômica e da corrupção política

Paulo Henrique A. Mendes*

Milton do Nascimento**

Resumo

Neste artigo, desenvolvemos uma abordagem do processamento metafórico no discurso, a partir de categorias oriundas de três modelos que estudaram a metáfora do ponto de vista das relações entre cognição, linguagem e cultura: a teoria da metáfora conceitual (Lakoff e Johnson, 1980) e seus desdobramentos, a teoria da integração conceitual (Fauconnier e Turner, 2002), e a semiótica cognitiva (Brandt e Brandt, 2005). Com base nessas reflexões, propusemos uma análise de algumas metáforas sobre a crise econômica e sobre a corrupção política no Brasil.

Palavras-chave: Metáfora; Cognição; Discurso.

É amplamente conhecida a transformação operada pelas pesquisas sobre cognição no âmbito dos estudos acerca da metáfora, que deixou de ser abordada como uma simples figura de linguagem mais afeita aos textos literários e passou a ser concebida como um processo constitutivo das formas de interação humana em geral, estando presente, portanto, ostensivamente, tanto na linguagem cotidiana quanto na linguagem literária ou científica. Um grande marco teórico dessa abordagem cognitiva da metáfora é a obra **Metaphors we live by**, de Lakoff e Johnson (1980), que postulam que a metáfora tem uma natureza conceitual, de modo que o pensamento metafórico é normal e ubíquo na nossa vida mental, quer consciente, quer inconscientemente. Raciocinamos em termos de metáforas. A metáfora conceitual é uma parte natural do pensamento humano, e a metáfora linguística é uma parte natural da linguagem humana. Usamos sistematicamente padrões de inferência de um domínio conceitual para pensar a respeito de outro domínio conceitual.

* Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP/MG. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas. Texto vinculado ao Projeto: Uma visão da intergrada da cognição humana: corpo/significação, cérebro, mente e linguagem, financiado pela FAPEMIG (SHA APQ00121/10).

** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas.

A teoria clássica da metáfora conceitual postula, portanto, que as metáforas resultam de projeções ou mapeamentos (*mapping*) de um domínio conceitual (domínio-alvo) em termos de outro (domínio-fonte). Sendo assim, as propriedades fundamentais da metáfora não podem residir em traços intrínsecos das expressões linguísticas, ainda que estas últimas constituam uma fonte material concreta a partir da qual se pode explicar o fenômeno metafórico em termos de uma dimensão conceitual mais abstrata. Nesse sentido, as metáforas linguísticas são manifestações verbais de metáforas conceituais, no sentido de que um mesmo conceito metafórico pode ser expresso através de diferentes enunciados linguísticos.

As reflexões teóricas sobre o processamento metafórico multiplicaram-se nas últimas décadas, dando origem a diferentes abordagens que preservam fundamentos comuns, entre as quais destacaremos alguns desdobramentos da teoria conceitual da metáfora (JOHNSON, 2007; LAKOFF, 2008), a posição da teoria da integração conceitual (FAUCONNIER; TURNER, 2002) e o modelo da semiótica cognitiva (BRANDT; BRANDT, 2005). Dando sequência à discussão conceitual, apresentaremos uma análise de alguns exemplos, sobre fatos econômicos e políticos, a partir de discursos com ampla circulação social.

Da metáfora conceitual à teoria neural da linguagem: experiência e mente corporificada

A teoria conceitual da metáfora foi formulada dentro daquilo que ficou conhecido como abordagem experiencialista, originada de uma crítica dos autores às limitações dos chamados “mitos objetivista e subjetivista”. Não obstante o reconhecimento dos méritos dessas duas correntes da tradição do pensamento ocidental, Lakoff e Johnson (1980) questionam os exageros desses ‘mitos’, afirmando que eles não assumem a perspectiva de refletir sobre o mundo a partir de uma visão radical acerca de nossas interações com ele. O que os autores chamam de ‘mito’ experiencialista se propõe a abordar o conhecimento e a significação como emergindo da interação constante dos homens entre si e com o ambiente, de modo que essa interação resulta numa estrutura da nossa experiência, engendrada a partir de um processo de categorização que dá coerência a ela.

A perspectiva experiencialista e a concepção de metáfora por ela proposta estão intimamente relacionadas ao paradigma da mente corporificada. Em linhas gerais, de acordo com esse paradigma, a cognição e, portanto, a produção de significações, emerge de nossa experiência corporal, estando o cérebro na base dos padrões de interação organismo-ambiente:

Assim, de acordo com nosso modelo neuronal, poderíamos prever que as inferências abstratas são ‘computadas’ usando estruturas neurais sensorio-motoras e ativadas como inferências no domínio-alvo porque existem conexões neurais entre áreas sensorio-motoras do cérebro e outras áreas responsáveis pelas assim chamadas funções cognitivas superiores. (JOHNSON, 2007, p. 177 – tradução livre).¹

Partindo da citação acima, é possível compreender que, em vez de realizar processos inferenciais no nível sensorio-motor de natureza completamente diferente daqueles operados no nível conceitual mais abstrato, nós podemos usar padrões inferenciais situados em áreas sensorio-motoras do cérebro para construir nosso raciocínio abstrato. Isso implica em uma visão de continuidade e inseparabilidade ontológica entre corpo/mente, no sentido de que nossa forma de pensar está intrinsecamente associada ao modo como vivenciamos corporalmente nossas experiências. E mais, de acordo com essa abordagem, através da metáfora, nós usamos nossa percepção sobre domínios experienciais mais primitivos e concretos para estruturar conceitualmente nosso conhecimento de domínios experienciais mais complexos e abstratos. Nas palavras de Johnson:

A ideia central é a de que esquemas imagéticos, que emergem recorrentemente em nossa percepção e movimento corporal, têm sua própria lógica, que pode ser aplicada a domínios conceituais abstratos, via metáforas de nível primário e superior. A lógica dos esquemas imagéticos serve, então, como base para inferências sobre entidades e operações abstratas (JOHNSON, 2007, p. 18 – tradução livre).²

Nessa perspectiva, a noção de esquemas imagéticos assume uma importância crucial na abordagem experiencialista, no sentido de que constituem um nível de sentido pré-verbal emergente, na maioria das vezes inconsciente. Eles são padrões instanciados nos mapas topológicos neurais que nós compartilhamos com outros animais, embora nós, como humanos, tenhamos esquemas imagéticos particulares

1 – “Thus, according to our neuronal model, we would predict that the abstract inferences are “computed” using sensorimotor neural structure and activated as target-domain inferences because there are neural connections from sensorimotor areas of the brain to other areas that are responsible for so-called high cognitive functions.”

2 – “The central idea is that image schemas, which arise recurrently in our perception and bodily movement, have their own logic, which can be applied to abstract conceptual domains, via primary and higher level conceptual metaphors. Image-schematic logic then serves as the basis for inferences about abstract entities and operations.”

que são mais ou menos peculiares, relativamente aos nossos tipos de corpos e às características dos ambientes que habitamos. Embora sejam pré-verbais, eles têm um papel fundamental na sintaxe, na semântica e na pragmática das línguas naturais. Eles subjazem à linguagem, ao raciocínio abstrato e a todas as formas de interação simbólica, propiciando tipos específicos de ‘*affordances*’ – possibilidades de interação – para criaturas com o nosso tipo de corpo, cérebro e ambiente.

Baseado nessa formulação, Johnson destaca o papel crucial da metáfora conceitual na definição de conceitos abstratos, a partir do uso de padrões semânticos e inferenciais de nossa experiência sensorio-motora. Assim, as metáforas conceituais mais básicas consistem em projeções sistemáticas de entidades e relações de um domínio-fonte sensorio-motor em um domínio-alvo abstrato. As metáforas com alto grau de complexidade são geralmente resultantes de combinações de metáforas primárias que emergem naturalmente de nossa experiência corporal cotidiana.

No modelo contemporâneo da metáfora neuronal, inserido no escopo da teoria neuronal da linguagem – NTL, Lakoff (2008) não desconsidera as bases das suas formulações iniciais, mas as retoma à luz dos estudos recentes sobre o cérebro, com destaque para a computação neural que serve de base para a arquitetura e a notação metodológica assumida pelo autor:

Embora os contornos fundamentais do que descobrimos permaneça válido hoje como era então, desenvolvimentos em ciência do cérebro e computação neural têm enriquecido vastamente nosso entendimento de como metáfora conceitual funciona (LAKOFF, 2008, p. 17 – tradução livre).³

Lakoff destaca a importância da noção de grupos neurais, que estão na base dos modelos de computação neural, constituídos por redes com nódulos, conexões, graus de intensidade sináptica e lapsos de tempo de sinapses. Um nódulo neural significativo é um que, quando ativado, resulta na ativação de uma simulação neural inteira e, quando é inibido, inibe toda essa simulação. Inferências ocorrem quando a ativação de um nódulo significativo resulta na ativação de outro nódulo significativo, de modo que nódulos neurais podem ser ativados, inibidos e expandidos.

Assim, na construção de metáforas mais complexas e de diferentes sistemas metafóricos a partir de metáforas mais simples, o organismo humano é capaz não só de maximizar a quantidade de ligações/conexões neuronais, mas, sobretudo, de selecionar e ajustar as mais adequadas aos seus propósitos, em função de sua interação com o ambiente biocultural. O princípio da ‘maximização das ligações’ é simplesmente uma

3 – “Though the fundamental outlines of what we discovered remain as valid today as they were then, developments in brain science and neural computation have vastly enriched our understanding of how conceptual metaphor works”.

consequência do fato de que o cérebro é um *'best-fit-system'* (um sistema de melhor ajuste). Nesse sistema, pressupõe-se que, durante o processamento mental, nosso cérebro realiza o máximo possível de integrações neurais e, dentre estas, seleciona as melhores adequações.

Nesse sentido, o importante para o estudo do processamento metafórico é não somente a análise dos circuitos neurais, mas também dos tipos de computação que podem surgir. Enquanto padrões de funcionamento cerebral, os chamados *'mapping circuits'*, ou mapas neurais, os quais se traduzem pelas metáforas conceituais, são tipos de projeções topológicas entre diferentes grupos neuronais em regiões do cérebro. Em suma, a teoria neural da metáfora é um modelo que busca explicar o fundamento neurocognitivo da teoria conceitual da metáfora.

Apresentaremos agora uma análise inicial, com a finalidade de ilustrar como o processamento metafórico permite uma compreensão de um tipo de experiência em termos de outra, criando coerência em virtude da imposição de *gestalts* que são estruturadas por meio de dimensões naturais da experiência.

Metáforas da crise econômica: liquidez, tsunami e marolinha

Uma das evidências apontadas pelos autores acerca da validade da metáfora conceitual diz respeito à polissemia sistemática, no sentido de que há campos lexicais inteiros que apresentam palavras que têm um sentido num domínio concreto e têm, também, sistematicamente, sentidos correlacionados em domínios abstratos. Não trataremos aqui desse tipo de polissemia, mas partiremos de um item lexical polissêmico para mostrar como a nossa experiência com o domínio conceitual mais concreto da 'água' estrutura a nossa compreensão de um domínio conceitual mais abstrato da 'economia', em função da conjuntura histórica da crise econômica de 2008/2009.

Começamos por duas entradas do verbete "liquidez", que pode ter, entre outros significados, os de:

1. 'Qualidade ou condição de um corpo no estado líquido; fluidez'.
2. 'Propriedade do que é facilmente negociável e convertível em dinheiro vivo, como bens, títulos e ações'. (HOUAISS, 2002).

Tais significados corroboram nossa experiência intuitiva de que 'liquidez econômica' significa, em linhas gerais, 'fluidez de dinheiro'. Já podemos perceber, a partir do sentido desse item lexical, aspectos da projeção de um domínio conceitual em termos de outro.

de uma crise econômica/financeira, a partir da experiência catastrófica de uma inundação de proporções gigantescas. Podemos perceber aqui a presença de um tipo de esquema imagético que se traduz pelas forças dinâmicas (TALMY, 2000), em termos da relação de força e contraforça, em que a ‘crise econômica’ desempenha o papel de um AGONISTA, cujo grande poder de contágio sobre as economias globalizadas deve ser detido pelos governos e demais autoridades econômicas competentes, que desempenham o papel de ANTAGONISTAS.

De outro lado, cada um dos enunciados produz efeitos de sentido emergentes relativamente distintos, em função de suas respectivas condições de produção e de processos enunciativos distintos. No exemplo (1), provavelmente o mais conhecido e do qual muitos outros foram gerados, o então presidente Lula busca atenuar os efeitos da crise no Brasil, estabelecendo uma comparação hipotética entre: [crise-lá=tsunami] e [crise-aqui=marolinha], base do processo metafórico. Já os exemplos (2) e (3) são críticas de especialistas em economia a essa visão do governo e, conseqüentemente, alertas para os riscos dos impactos iminentes da crise sobre a economia brasileira. Em (2), temos o uso da modalidade deôntica [é preciso tomar medidas], que apresenta uma tese justificada pelo argumento metafórico [senão essa onda que está vindo nos engolfa]. Em (3), vemos uma refutação explícita do discurso de Lula [na verdade, não vivemos numa marolinha], encadeada a uma advertência metafórica [nosso mar já está um ou dois metros acima do nível normal]. Por último, no excerto (4), o embaixador metaforiza a crise econômica através da figura bíblica do [dilúvio], no qual, segundo ele, o mundo se encontra, e estabelece uma analogia disjuntiva entre a [arca de Noé] e o [barco salvador], aconselhando os países a nele ‘embarcarem’, embora advirta que alguns estejam ‘abandonando-o’.

Seguem mais alguns exemplos:

5. “O governo vai irrigar o sistema financeiro, para que o crédito não venha a secar para o consumidor comum na economia real.” (Ministro Guido Mantega).
6. “Há um represamento muito grande dos fundos de pensão e outros nos títulos públicos.” (Roberto Pitta – Diretor do Bank of New York Mellon).
7. “Os investidores nadaram no excesso de liquidez e se afogaram.” (Delfim Neto).
8. “O Brasil atravessou a crise como o tarzã dos velhos filmes. Passou pelos crocodilos e saiu na outra margem já penteado.” (Diretor do FMI).

Nos enunciados de (5) a (8), observamos a presença de outros padrões metafóricos que ilustram outras formas de projeção/mapeamento entre domínios experienciais, relacionados ao esquema imagético da dinâmica de forças. Nos

exemplos (5) e (6), ocorrem projeções do domínio da agricultura, sobretudo em (5), mas também em (6), embora a noção de ‘represamento’ se aplique mais amplamente a outros domínios. Vale notar que, em ambos os excertos, o processamento metafórico estabelece uma relação positiva de valor entre o domínio experiencial da água e o da economia, ou seja, recuperamos a projeção [crédito=dinheiro=líquido], que nos parece ser a mais básica. Essa relação parece ter sido invertida na projeção [crise=*tsunami*], em que se estabelece uma relação de valor negativa entre o domínio experiencial da água e o da economia.

Assim, o enunciado (5) se traduz por um ato comissivo do Ministro da Fazenda, que se compromete a combater a crise, metaforizando a ação do governo sob a forma de um *argumento* pragmático: *tese* [irrigar o sistema financeiro], para argumento [o crédito não secar]. A relação semântica existente entre os verbos [irrigar>secar] e os nomes [sistema financeiro>crédito] mostra a coerência sistemática das projeções estabelecidas entre os domínios em questão. Já o enunciado (6) representa uma crítica de uma autoridade do mercado financeiro à obstrução da circulação de crédito na economia, através da metáfora do [represamento] como obstáculo ao fluxo de capital.

Nos exemplos (7) e (8), o processamento metafórico se estrutura a partir de outros padrões de projeção, relacionando novos domínios experienciais. Trata-se, neste caso, da relação entre o domínio experiencial da atividade física de nadar e o domínio conceitual da atividade econômico-financeira. Ambos são avaliações do final da crise, mas, enquanto (7) é uma crítica de um especialista em economia a especuladores do mercado financeiro, através da metáfora [nadar e afogar no excesso de liquidez], o enunciado (8) é um elogio de uma autoridade monetária ao desempenho econômico do Brasil diante da crise, por meio de uma metáfora cinematográfica jocosa [atravessar o rio e sair do outro lado penteado, como o Tarzã].

Integração conceitual e semiose no processamento metafórico

Não obstante a pertinência teórica da abordagem de Lakoff e Johnson, em linhas gerais, esta última se caracteriza por analisar os processos metafóricos como operações cognitivas que nos permitem estruturar/projetar nosso conhecimento de determinados domínios experienciais em termos de outros, apresentando um escopo voltado para os princípios cognitivos mais gerais que regem o nosso sistema conceitual. Nesse sentido, tal abordagem não está diretamente interessada na questão do processamento discursivo e de suas variáveis situacionais, pragmáticas

etc., o que explica a ausência de um instrumental de análise mais consistente para dar conta de fenômenos emergentes mais localizados no plano da enunciação. Nessa concepção, estes últimos são tratados apenas como ocorrências linguísticas de metáforas conceituais que, por sua vez, estabelecem relações de causalidade com padrões de mapeamentos/projeções entre grupos neuronais.

Recorremos, então, a outros modelos teóricos que desenvolveram enfoques mais adequados sobre o processamento metafórico numa dimensão discursiva, buscando explicar a emergência de efeitos de sentido contextualmente situados. Segundo Silva:

Uma nova teoria em linguística cognitiva que subsume a metáfora e a metonímia como casos particulares de mecanismos de projeção mental é a teoria da mesclagem ou integração conceitual (“*blending*”) – uma extensão dos estudos iniciais de G. Fauconnier sobre espaços mentais (Fauconnier: 1985) e que tem sido desenvolvida pelo próprio e por M. Turner e seus colaboradores (...) Esta nova teoria procura explicar como é que falantes e ouvintes registram correspondências conceituais e constroem novas inferências durante o processo discursivo. A idéia nova e central é a de que na projeção conceitual, tal como ocorre no discurso, os domínios origem e alvo (ou espaços input) são projetados num espaço integrado (“*blend*”), cuja estrutura não deriva inteiramente dos espaços input. (SILVA, 2006, p. 147).

Com efeito, a metáfora é concebida nesse último modelo como uma manifestação particularmente importante e saliente da integração conceitual, que emerge de uma rede articulada de espaços mentais, os quais podem ser definidos, em linhas gerais, como esquemas/cenários cognitivos construídos pelos sujeitos durante suas interações. A noção de ‘*blend*’ (mescla) representa um avanço explicativo, no sentido de elucidar alguns princípios cognitivos que estão na base da produção de sentido e, no caso que nos interessa aqui, da geração de estruturas emergentes, tais como determinados efeitos metafóricos engendrados nas práticas de linguagem. Nessa perspectiva, a operação de metaforização é um processo recursivo de projeção de espaços mentais/conceituais integrados em rede.

Na arquitetura dos espaços proposta na teoria da integração conceitual (FAUCCONNIER; TURNER, 2002), postula-se a existência de um espaço base/genérico, que mapeia estruturas partilhadas pelos espaços de entrada, a partir dos quais são projetados novos espaços integrados (mesclas) emergentes. O estatuto teórico do espaço base/genérico é pouco discutido pelos próprios autores da teoria e, por vezes, é criticado por outros estudiosos pela falta de clareza em sua definição. Em se tratando de uma análise do processamento discursivo da metáfora, parece-

nos importante desenvolver um breve comentário sobre essa questão, e o faremos a partir da discussão elaborada por Brandt & Brandt (2005).

Segundo esses autores, o espaço base/genérico da teoria da integração conceitual corresponde ao que Fauconnier chamou de espaço-R, ou seja, aquele relativo à realidade do falante, que seria a base ontológica – o ponto de referência – para determinar o estatuto de outros espaços a ele relacionados, a exemplo de espaços contrafactuais ou hipotéticos. Nesse sentido, Brandt & Brandt propõe a formulação de um espaço base semiótico, como espaço de engajamento enunciativo dos sujeitos na produção de sentidos, o qual é desdobrado em três esferas: a da semiose propriamente dita, enquanto instância de realização de atos de linguagem, a da situação de comunicação em que se encontram os participantes da interação, e a do mundo fenomenológico mais amplo acessível à nossa experiência vivida.

O modelo da semiótica cognitiva de Brandt & Brandt (2005) dialoga diretamente com os fundamentos da teoria da integração conceitual, mas avança na análise do processamento discursivo, ao apresentar uma ancoragem enunciativa/discursiva mais clara e consistente, a partir do desdobramento do espaço base semiótico nos termos mencionados acima, ao qual se associa a postulação de um espaço de relevância (ilocucional, situacional e argumentativa), que articula a geração de sentidos emergentes no espaço virtual/integrado (*blend*) à sua pertinência em relação à prática discursiva em questão. Na versão apresentada pelos autores, a arquitetura dos espaços é composta pelo espaço base semiótico (a realidade enunciativa que envolve enunciador e enunciatário), pelos espaços de entrada, chamados de espaço de apresentação (instância figurativa de construção da metáfora) e de referência (objeto ao qual se refere a metáfora), e pelo espaço virtual (*blend*), projetado a partir da seleção de elementos dos frames dos dois últimos espaços. A esse conjunto se articula um espaço de relevância, que orienta o sentido emergente a ser configurado no espaço virtual em função de sua relação com os demais espaços. Segundo Brandt & Brandt:

O significado metafórico é um produto de uma projeção/mapeamento entre o *blend*, em seu estado de significado-pré-emergente (o *blend* antes da emergência de inferências relevantes), e algum esquema relevante, que estrutura o *blend* e faz sua estranha figuratividade significativa. Da perspectiva de um destinatário, um *blend* pode atrair diferentes projeções esquemáticas dependendo de quais estruturas possam ser interpretadas como partilhadas entre as entradas e o que tenha sido estabelecido como situacionalmente relevante para a comunicação. Da perspectiva de um falante, a emissão relevante

determinará a gama de possíveis cenários apresentacionais, e a adequação de qualquer candidato individual (Brandt & Brandt, 2005, p. 235 – tradução livre).⁴

Assim, o espaço de relevância parece operar uma filtragem no processo recursivo de projeções no(s) espaço(s) integrado(s), de modo a selecionar os frames pertinentes à interação em questão, em termos da produção de efeitos de sentido emergentes numa dada situação de comunicação.

Metáforas da corrupção: faxina, garagem e fundo do poço

Na sequência, apresentaremos o diagrama semiótico proposto por estes últimos autores, aplicado à análise de um exemplo, com vistas a ilustrar o seu alcance operacional. Ao longo do comentário, incorporaremos aspectos das abordagens dos outros autores aqui discutidos, de modo a mostrar a validade de buscar articulá-los na explicação de certas práticas de linguagem. Trata-se de um texto do jornalista Josias de Sousa, postado em seu *blog*, no Jornal Folha de São Paulo, em 15/10/2011. Vejamos o seguinte fragmento introdutório:

(9) Rumo ao fundo do poço, a política chegou à garagem
A corrupção, não é de hoje, empurra a política brasileira em direção a um metafórico fundo do poço. A cada novo escândalo, o brasileiro se pergunta: será que chegamos, finalmente, ao fundo do poço? Logo surge outro escândalo para informar que a viagem às profundezas terá novas escalas. Pense no que já sucedeu em poucos meses de gestão Dilma.

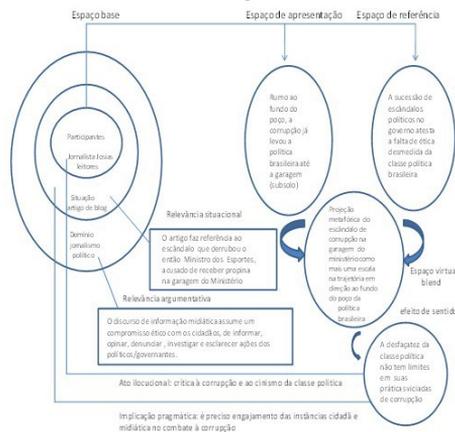
A começar pelo título, utilizando parâmetros mais gerais de análise, podemos reconhecer inicialmente certos padrões de mapeamento de um domínio mais complexo e abstrato como a política, em termos de um domínio mais primitivo e concreto da nossa experiência sensório-motora da espacialidade e, mais especificamente, do deslocamento no espaço. A especificidade dos *frames* relacionados a [fundo do poço] e [garagem] ativam esquemas imagéticos relacionados à verticalidade, à quantidade e à escalaridade, que foram ostensivamente estudados por Lakoff e Johnson, tendo sido representados por

4 – “The metaphoric meaning is a product of a mapping between the blend, in its pre-emergent-meaning state (the blend prior to emergence of relevance inferences), and some relevant schema, which structure the blend and makes its strange figurativity meaningful. From the perspective of an addressee, a blend may attract different schematic mappings depending on what structures can be construed as shared between the inputs and what has been established as situationally relevant to the communication. From the perspective of a speaker, the relevant issue will determine the range of possible presentational scenarios, and the adequacy of any individual candidates.”

algumas metáforas conceituais como: MAIS É PARA CIMA/MENOS É PARA BAIXO, BOM É PARA CIMA/RUIM É PARA BAIXO; ESCALAS SÃO CAMINHOS, etc. O primeiro enunciado do primeiro parágrafo projeta um outro esquema imagético, relacionado à causalidade, como um dos padrões recorrentes do sistema de forças dinâmicas, em cujo cenário a [política] emerge como AGONISTA compelido por um ANTAGONISTA representado pela [corrupção]. Os dois últimos enunciados do excerto em questão atestam a validade desses padrões cognitivos.

Não obstante, do ponto de vista de seu processamento discursivo, precisamos considerar a cena enunciativa em função da qual produzimos sentido para esse texto, através da projeção de espaços conceituais integrados. Para tanto, utilizaremos o diagrama de Brandt & Brandt (2005).

Figura 1



O espaço base enunciativo é a instância de discursivização que integra semioticamente todos os demais espaços projetados em rede. Selecionamos um trecho do início do texto para exemplificarmos o diagrama proposto pelo modelo da semiótica cognitiva, mas os sentidos são integrados ao longo da leitura de modo a formar uma unidade gestáltica no processamento metafórico. Didaticamente, partindo das metáforas iniciais do texto, representamos acima uma primeira projeção de um espaço virtual, que opera com a imagem de uma trajetória decadente da política brasileira, a qual já teria chegado ao subsolo (garagem), em direção ao fundo do poço, ou seja, em sua escala de degradação ética e moral.

Vale notar que lidamos com a produção de uma estrutura emergente, ou seja, de projeções de sentido engendradas no processo enunciativo, a exemplo do fato de que o *frame* sobre [fundo do poço] não prevê rotineiramente a existência de

garagens ou algo parecido. O processamento recursivo dessa imagem se ancora no espaço de relevância situacional, na medida em que ativamos inferências sobre fatos políticos relativos aos escândalos envolvendo ministros do governo federal, mais especificamente, o referente à acusação de recebimento de propina por parte do Ministro dos Esportes na garagem do Ministério, relatado criticamente no texto em questão, como podemos observar no fragmento abaixo.

(10) Súbito, o inacreditável é ultrapassado pelo inaceitável. Escala as manchetes o caso do ministro que recebeu propina no subsolo. “Por um dos operadores do esquema, eu soube na ocasião que o ministro recebia o dinheiro na garagem”, relata o denunciante. Ele dá nome ao repassador da verba, que, ouvido, capricha nos detalhes: “Eu recolhi o dinheiro com representantes de quatro entidades aqui do Distrito Federal...Entreguei ao ministro, dentro da garagem, numa caixa de papelão. Eram maços de notas de 50 e 100 reais.”

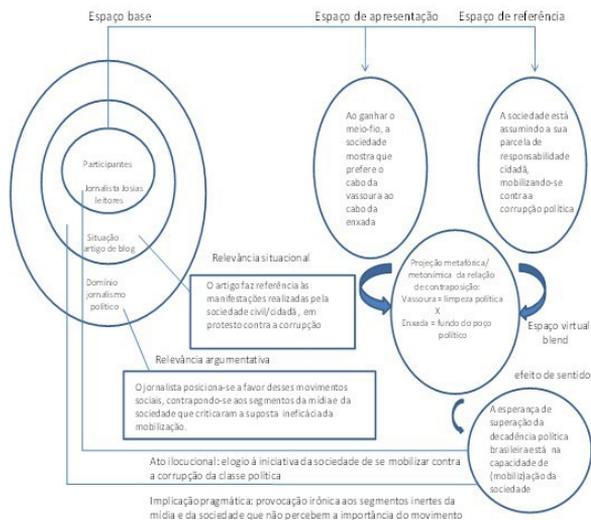
Poderíamos explorar várias outras metáforas do discurso de Josias de Sousa em seu *blog* jornalístico, marcado pela crítica (irônica) ao poder político, característica típica do seu estilo e, de certo modo, uma espécie de dever de ofício associado ao imaginário do jornalismo político, o que nos remete à relevância argumentativa da construção metafórica dessa cena enunciativa. Limitaremos-nos a analisar mais um fragmento do texto em questão, que nos parece fundamental do ponto de vista do processamento de seu sentido metafórico.

(11)O modelo que expõe os governos ao canibalismo dos partidos morreu. O cadáver fede à beira do abismo eterno. Nesse interminável adiamento do encontro da política com o fundo do poço, o brasileiro, antes habituado a conviver com o inaceitável, esboça sinais de reação.

Organizando-se pela internet, à margem de partidos e entidades, a rapaziada já produziu um par de marchas anticorrupção. Diz-se que 20 mil pessoas na Esplanada dos Ministérios é pouca gente. Tolice. Todo grande movimento começa pequenininho.

A ficha da garotada começou a cair. A turma percebeu que quem está cavando o poço é a sociedade. Como? Com a enxada da inércia. Ao ganhar o meio-fio, um pedaço da sociedade informa que prefere o cabo da vassoura ao cabo da enxada.

Figura 2



É importante mencionar inicialmente a presença das metáforas presentes nos dois primeiros enunciados do fragmento acima, as quais não foram representadas no diagrama para não estendermos demais nossa análise. Mas vale a pena destacar a recursividade das projeções metafóricas no processamento discursivo de espaços, que são integrados em rede, articulando novos *frames*, o que corrobora as hipóteses da teoria da integração conceitual (FAUCONNIER; TURNER, 2002). No caso acima, temos a integração da metáfora do [fundo do poço da política] à metáfora da [morte do modelo político em que os governos são expostos ao canibalismo dos partidos], gerando o espaço *blend* do [cadáver fedendo à beira do abismo eterno].

Se o modelo político partidário brasileiro já é dado como ‘morto’, o que impede que a política atinja de vez o ‘fundo do poço’ é a reação da sociedade civil, “organizando-se pela internet, à margem de partidos e entidades”. É essa a orientação argumentativa assumida no texto pelo autor, que faz referência direta às duas marchas anticorrupção, realizadas nos dias 7 de setembro e 12 de outubro de 2011, balizando a relevância situacional de seu artigo e das metáforas seguintes, quando diz que parte da população percebeu que ela mesma estava [cavando o poço com a enxada da inércia] e, [ganhando o meio-fio, informa que prefere o cabo da vassoura ao cabo da enxada]. Na primeira metáfora, está clara a relação semântica entre a ação [cavar o poço], onde a política se enterra, e o instrumento [enxada da inércia], que metaforiza a falta de mobilização da sociedade.

Na segunda, além de podermos projetar uma relação metafórica entre [meio-fio=para cima=bom] x [garagem e fundo do poço=para baixo=ruim], o processamento metafórico projeta um novo espaço integrado que contrapõe [vassoura x enxada], em detrimento desta última, ativando inferências sobre *frames* associados a esses objetos. A relevância dessa oposição não se refere a um valor semântico convencional que relaciona dois instrumentos, um com função de varrer, outro com função de capinar ou revolver a terra. Trata-se de um efeito metafórico político associado à [vassoura] como metonímia de [faxina], metáfora entrincheirada na memória política brasileira, historicamente e, sobretudo, recentemente. Esta última metáfora projeta o sentido de [limpeza=transparência, honestidade] em oposição a [sujeira=corrupção, desonestidade]. Basta dizer que a palavra “faxina”, significando demissão de políticos corruptos, é uma das mais recorrentes em declarações e noticiários políticos sobre escândalos e demissões de ministros e parlamentares envolvidos em casos de corrupção no governo Dilma. Da mesma forma, a “vassoura” tornou-se o principal símbolo dos protestos contra a corrupção, estando ostensivamente presente nas referidas marchas.

Do ponto de vista discursivo, essa rede inferencial metafórica é processada de forma integrada em função da cena enunciativa em questão, cuja relevância argumentativa estabelece relações interdiscursivas de oposição a segmentos da sociedade civil e das mídias que criticaram abertamente as marchas anticorrupção realizadas nos feriados mencionados acima, dizendo que eram movimentos insignificantes, sem nenhum impacto sobre as decisões políticas. O artigo de Josias de Sousa é uma contra-argumentação a essa visão, no sentido de posicionar-se a favor das manifestações, a exemplo dos enunciados: “Diz-se que 20 mil pessoas na Esplanada dos Ministérios é pouca gente. Tolice. Todo grande movimento começa pequenininho”. A última frase do texto corrobora nossa hipótese de leitura, quando o autor parece responder de forma provocativa aos críticos do movimento: “Quem não perceber a importância do gesto arrisca-se a perder a beleza do movimento”.

Conclusão

Buscamos apresentar aqui uma síntese, ainda que panorâmica, de alguns modelos que têm contribuído de forma decisiva para o avanço do conhecimento sobre os processos metafóricos do ponto de vista da cognição, de um modo geral, e, mais especificamente, da linguagem e do discurso. Acreditamos que, apesar das diferenças de abordagem, tais modelos apresentam convergências que merecem ser destacadas em proveito de uma integração teórica ampla, mas também crítica, e de uma metodologia de análise apta a enfrentar os desafios colocados pela complexidade das práticas de linguagem que vivenciamos. Utilizamos, como

exemplificação, algumas metáforas relacionadas à crise econômica de 2008/2009 e outras presentes em um texto de Josias de Sousa sobre casos de corrupção no governo Dilma no ano de 2011, cujas análises não puderam ser ‘exaustivas’, em função do espaço de que dispúnhamos para a elaboração deste texto.

Abstract

This paper discusses an approach to metaphor processing in discourse based on the categories proposed by three theoretical frames: the Conceptual Metaphor Theory (Lakoff e Johnson, 1980), the Conceptual Integration Theory (Fauconnier e Turner, 2002) and Cognitive Semiotics (Brandt e Brandt, 2005). These three models have studied metaphors from a perspective based on the inter-relations of cognition, language and culture. Taking this theoretical background, an analysis is provided for some metaphors related to Brazilian economic crises and political corruption.

Key words: Metaphors; Cognition; Discourse.

Referências

- BRANDT, L; BRANDT, P. A. Making sense of a Blend. In. MENDOZA IBÁÑEZ, R. (Ed.) **Annual Review of Cognitive Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 2005. v.3. p. 216-249.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The way we think**: conceptual blending and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books, 2002.
- HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- JOHNSON, M. **The meaning of the body**: Aesthetics of human understanding. Chicago: The University of Chicago Press, 2007.
- LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: Chicago University Press, 1980.
- LAKOFF, G. **The neural theory of metaphor**. In: GIBBS, R. (Ed.) **Metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 17-38.
- SILVA, A. S. da. **O mundo dos sentidos em Português**: polissemia, semântica e cognição. Coimbra: Almedina, 2006.

Anexo

Rumo ao fundo do poço, a política chegou à garagem

A corrupção, não é de hoje, empurra a política brasileira em direção a um metafórico fundo do poço. A cada novo escândalo, o brasileiro se pergunta: será que chegamos, finalmente, ao fundo do poço?

Logo surge outro escândalo para informar que a viagem às profundezas terá novas escalas. Pense no que já sucedeu em poucos meses de gestão Dilma. O fundo do poço da fortuna do Palocci foi seguido pelo fundo do poço da roubalheira dos Transportes... Que foi superado pelo fundo do poço da Agricultura dominada por “bandidos”, que foi suplantado pelo Turismo convertido em centro de torrefação de verbas...

A imagem do ministro octagenário espetando na bolsa da Viúva do salário da governanta à conta da festinha no motel tinha cara de fundo do poço. Súbito, o inacreditável é ultrapassado pelo inaceitável. Escala as manchetes o caso do ministro que recebeu propina no subsolo.

“Por um dos operadores do esquema, eu soube na ocasião que o ministro recebia o dinheiro na garagem”, relata o denunciante. Ele dá nome ao repassador da verba, que, ouvido, capricha nos detalhes: “Eu recolhi o dinheiro com representantes de quatro entidades aqui do Distrito Federal... Entreguei ao ministro, dentro da garagem, numa caixa de papelão. Eram maços de notas de 50 e 100 reais.”

O entregador prossegue: “[...] O ministro estava sentado no banco de trás do carro oficial. Ele abriu o vidro e me cumprimentou... O motorista dele foi quem pegou a caixa com o dinheiro e colocou no porta-malas do carro.”

Abalroado pelos relatos, o ministro com nome de cantor, Orlando Silva (Esportes), entoa um canto usual e algo desafinado. Declara-se “chocado”, “estupefato”, “perplexo”. Chama o denunciante, seu camarada de PCdoB, de “bandido”. Ao mesmo tempo, admite tê-lo recebido em audiência.

Pespega no detrator a pecha de chantagista: “Durante um ano esse sujeito procurou gente do ministério e fez ameaça, insinuação. E qual foi a nossa posição?... Amigo, denuncie, fale o que você quiser. Por quê? Porque, como nós temos convicção de que o que foi feito foi o correto, nós não tememos.”

Submetido a uma pergunta trivial – por que não denunciou o chantagista à polícia? – o ministro se enrola. Orlando Silva afirma que “imaginou” que um de seus subordinados pudesse ter levado o assunto às autoridades competentes. “Chegamos a falar sobre essa hipótese.”

O ministro sugere aos repórteres: “Vale a pena olhar qual é a minha declaração de renda, qual é meu patrimônio, qual é minha conta bancária e qual é a dele.”

Enigmático, Orlando Silva indaga: “Qual é a [conta] dele e de outras pessoas que têm relação [com ele]?”

Ficam boiando na atmosfera outras interrogações incômodas: por que diabos o “bandido”, dono de ONG, beliscou verbas do Ministério dos Esportes? Se o próprio ministro suspeita que a conta de seu companheiro de partido engordou além do razoável, por que não o denunciou?

Esse penúltimo escândalo ainda não leva a política brasileira ao fundo do poço. Mas chega mais perto. Já estamos no subsolo, na garagem. Aos pouquinhos, vai-se dissipando aquela esperança de que o fundo do poço possa ser, brasileiroamente, adiado ao infinito.

O modelo que expõe os governos ao canibalismo dos partidos morreu. O cadáver fede à beira do abismo eterno. Nesse interminável adiamento do encontro da política com o fundo do poço, o brasileiro, antes habituado a conviver com o inaceitável, esboça sinais de reação.

Organizando-se pela internet, à margem de partidos e entidades, a rapaziada já produziu um par de marchas anticorrupção. Diz-se que 20 mil pessoas na Esplanada dos Ministérios é pouca gente. Tolice. Todo grande movimento começa pequenininho.

A ficha da garotada começou a cair. A turma percebeu que quem está cavando o poço é a sociedade. Como? Com a enxada da inércia. Ao ganhar o meio-fio, um pedaço da sociedade informa que prefere o cabo da vassoura ao cabo da enxada.

Quem não perceber a importância do gesto arrisca-se a perder a beleza do movimento.

Josias de Souza (Folha de São Paulo, 15/10/2011)